


Antônio do Chico: as fotografias de Antônio Francisco de Faria

Filipe Freitas Chaves

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Doutorando em Artes

 <https://orcid.org/0000-0002-8480-2304>
E-mail: filipixies@gmail.com

Resumo: Pretendeu-se, nesta pesquisa, abordar o arquivo do fotógrafo Antônio Francisco de Faria, conhecido popularmente como Antônio do Chico, de São Roque de Minas, Minas Gerais. Entre janeiro de 1969 e dezembro de 2005, Antônio do Chico fotografou e guardou mais de 100 mil negativos e fotografias ampliadas. O artigo propõe trazer ao público, além de uma síntese de sua história de vida, parte do acervo do fotógrafo, que fez retratos, cobriu casamentos, eventos sociais e culturais, paisagens e cenas do cotidiano de São Roque de Minas, visando à preservação desse importante patrimônio da memória social e histórica brasileira. Num momento em que o mundo está saturado de imagens, em que a fotografia chega a substituir experiências, é essencial resgatar e reafirmar a importância desses arquivos históricos que requerem dedicação, envolvimento profundo e o desejo da preservação no processo de restituir as imagens e, conseqüentemente, a memória.

Palavras-chave: Antônio Francisco de Faria; Fotografia; Memória; Arquivo; Fotógrafos anônimos.

Antônio do Chico: the photographs of Antônio Francisco de Faria

597

Abstract: It was intended, in this research, to address the archive of the photographer Antônio Francisco de Faria, popularly known as Antônio do Chico, from São Roque de Minas, Minas Gerais. Antônio do Chico, from January 1969 to December 2005, photographed and stored more than 100,000 negatives and enlarged photographs. The article proposes to bring to the public beyond a synthesis of his life history, part of the photographer's collection, which covered subjects such as weddings, social and cultural events, portraits, landscapes and daily scenes of São Roque de Minas, aiming at the preservation of this important patrimony of Brazilian social and historical memory. At a time when the world is saturated with images, in which photography comes to replace experiences, it is essential to rescue and reaffirm the importance of these historical archives that require dedication, deep involvement and the desire of preservation in the process of restoring the images and, consequently, the memory.

Keywords: Antônio Francisco de Faria; Photography; Memory; Archive; Anonymous photographers.

Texto recebido em: 02/08/2019

Texto aprovado em: 14/11/2019

Introdução

O fenômeno da fotografia é especial por gravar a luz e as sombras do passado e também instantes da vida de seus referentes. Ela é extremamente bem-sucedida no auxílio à memória humana, principalmente devido à sua natureza e a como é produzida, seja qualquer momento de sua história técnica.

A história da fotografia, entretanto, não precisa ser contada simplesmente como a história de uma técnica. Ela deve, muito mais do que isso, ser observada como uma história atraente, inseparável de uma história social e política. Afinal, ela está presente em todos os acontecimentos privados ou públicos de nossa vida e é responsável por nos fazer olhar o mundo de uma maneira nunca antes experimentada (FREUND, 2010, p. 20-21).

Inicialmente tratada como a cópia mais fiel da natureza, a fotografia, desde o princípio, recebeu sérias reprovações, principalmente em relação ao seu valor artístico e estético, que, segundo os críticos da época, não podia ser comparado ao da pintura, da escultura e da gravura.

Segundo André Rouillé (2009), a fotografia está entre o documento e a arte contemporânea. Dessa forma, para realizar um estudo sobre a fotografia, é importante, antes de tudo, especificar de qual categoria estamos falando: se é da fotografia utilitária, que possui valor documental, variante segundo as situações, ou se é da fotografia como ferramenta para os artistas ou de um outro campo artístico que utiliza a fotografia em seu processo criativo (ROUILLÉ, 2009, p. 19).

Nesse sentido, afirma-se que a atual pesquisa trata do primeiro campo, a fotografia utilitária. Aquela que, desde o princípio, auxilia nossa memória a se lembrar do que existiu, para saber como eram as coisas no passado, os personagens que viveram em determinado lugar e o que realizaram, enfim, quais eram seus modos de vida e quais usos faziam da fotografia, seja em qualquer ambiente que tenham vivido, inclusive nos rincões de Minas Gerais.

Apesar dos avanços, nas últimas décadas, nos estudos sobre a história da fotografia na América Latina, Boris Kossoy (2014) recomenda ser necessário que se multiplique ainda mais a produção científica nessa área, mas descontaminada de estereótipos. Além disso, o autor sugere também que se “criem metodologias de investigação e modelos de interpretação sob uma ótica pensada a partir dos processos históricos da própria região” que se estuda (KOSSOY, 2014, p. 65).

Nessa perspectiva, o objetivo foi mergulhar no acervo fotográfico de Antônio Francisco de Faria (1948-), conhecido popularmente como Antônio do Chico, morador de São Roque de Minas, cidade do interior de Minas Gerais, famosa por situar a nascente histórica do rio São Francisco. Antônio do Chico, durante 37 anos, de janeiro de 1969 a dezembro de 2005, fotografou e guardou mais de 100 mil negativos¹ e fotografias ampliadas. Além de seus milhares de negativos, feitos e armazenados durante quase quatro décadas de trabalho, Antônio também guardou, em um cômodo de sua casa, fotos da região feitas por outros fotógrafos. E poucas pessoas ainda possuem acesso a esse arquivo. O interesse, então, com esta investigação, é buscar trazer à tona, do fundo de caixinhas de papel Kodak, o que está guardado, escondido em negativos de sais de prata, sobre as memórias de São Roque de Minas, através do esforço de um fotógrafo dedicado e, futuramente, conforme a vontade do próprio Antônio, tornar esse arquivo público.

Com a democratização da fotografia enquanto atividade social, esquecemos do trabalho fundamental que muitos fotógrafos tiveram ao registrar a vida e os costumes de diversos locais. Num momento em que o mundo está saturado de imagens, em que a fotografia chega a substituir experiências, é essencial resgatar e reafirmar a importância desses arquivos históricos que requerem dedicação, envolvimento profundo e o desejo da preservação no processo de restituir as imagens e, conseqüentemente, a memória.

O fotógrafo, a técnica e o arquivo

O impacto cultural que a fotografia produziu, desde seu surgimento, influenciou (e ainda influencia) o comportamento dos indivíduos, uma vez que se aumenta o desejo de se fazer o registro fotográfico dos acontecimentos importantes da vida das pessoas, devido à sua natureza testemunhal. Para André Rouillé (2009, p. 97-98), uma das grandes funções da fotografia-documento, a fotografia utilitária, terá sido a de construir um novo inventário do real, sob a forma de álbuns e, em seguida, de arquivos fotográficos.

Boris Kossoy (2014, p. 36) nos lembra que “as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta” e que, enquanto tal, “promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por

consequência, da realidade que os originou”. Por esse motivo, o autor comenta que é necessário empreender uma verdadeira arqueologia do documento fotográfico e desvendar os *três elementos essenciais* para a realização de uma fotografia: o *fotógrafo* (autor do registro, agente e personagem do processo), a *técnica* (materiais fotossensíveis, equipamentos e técnicas empregados para a obtenção do registro, diretamente pela ação da luz) e o *assunto do arquivo* estudado (tema escolhido, o referente, fragmento do mundo exterior). Ao conhecer os detalhes sobre essa tríade, Kossoy (2014, p. 65) assegura:

Detectados a trajetória desses fotógrafos no espaço e no tempo, as tecnologias por eles empregadas e os assuntos registrados, obter-se-á um levantamento que será certamente útil como referência aos historiadores e a outros pesquisadores de diferentes áreas das ciências e das artes; tal levantamento fornecerá subsídios para a determinação das datas aproximadas, local de origem, autoria e pistas para a identificação dos temas registrados nas fotografias do passado que venham a ter em mãos e possibilitará o emprego da iconografia fotográfica como fonte histórica em pesquisas específicas. Por outro lado, os dados coletados trarão novos elementos para a interpretação do fenômeno da expansão deste meio de comunicação e expressão e de suas múltiplas aplicações nos diferentes países.

Através da metodologia fundamentada nos estudos de Boris Kossoy, pensamos os três elementos responsáveis pela gênese do registro fotográfico: fotógrafo, tecnologia e o assunto das fotos, a fim de buscar informações para a nossa melhor compreensão do passado, em seus múltiplos aspectos, que o fotógrafo investigado nesta pesquisa gravou em seus negativos e arquivou em um cômodo de sua casa. Esses dados coletados não são apenas importantes para contar a história de São Roque de Minas e região, mas também dos personagens que ali viveram, além de trazer, ainda, novos elementos para a interpretação do fenômeno da expansão da fotografia no Brasil e de suas múltiplas aplicações no interior do Estado de Minas Gerais.

a-) O fotógrafo: Antônio Francisco de Faria (1948-)

A história de São Roque não seria a mesma se meu pai não tivesse feito o esforço de resgatá-la. Muita coisa teria se perdido.

Deyse Elaine de Faria, filha de Antônio

Antônio Francisco de Faria é mais conhecido como Antônio do Chico porque, segundo ele, “o meu pai chamava Chico e minha mãe Chica, então é a família dos Chicos, do Rio São Francisco”. Antônio nasceu no dia 1º de julho de 1948, na zona rural do município de São Roque de Minas, município onde está localizada a nascente histórica do Rio São Francisco e que fica inserido na região da Serra da Canastra², no Estado de Minas Gerais.

A região da Serra da Canastra, onde está situada São Roque de Minas, desde os tempos coloniais, apresentou relativo crescimento econômico, devido, principalmente, à agropecuária e ao garimpo. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a economia da região do centro-oeste mineiro sofreu transformações que marcaram o modo de vida das pessoas que ali se estabeleceram³. Com o declínio da mineração e a dinamização da produção, a partir de 1760, houve um intenso movimento migratório para todas as regiões circunvizinhas à região mineradora da capitania de Minas Gerais. Assim, a pecuária extensiva se tornou a principal atividade econômica nas nascentes do São Francisco. Nesse contexto histórico, a agricultura camponesa exerceu uma função estratégica no desenvolvimento agropastoril, com a produção de alimentos de subsistência⁴ e a formação de pastagens para criação de gado leiteiro (BARBOSA, 2007; LOURENÇO, 2002; RIBEIRO, 2005).

É, portanto, nesse cenário rural constituído que o investigado desta pesquisa viveu sua infância e de onde, conseqüentemente, surgiu também sua principal clientela quando se tornou fotógrafo. Ainda criança, filho único, Antônio muda para a casa de seus avós, onde, na realidade, fora criado. Conforme ele mesmo afirma, lá eles o tinham como filho, “e o meu pai e minha mãe, nesse meio tempo, mudaram para a cidade”, São Roque de Minas. Na entrevista para esta pesquisa, realizada no dia 22 de maio de 2015, Antônio narra que até os 8 anos fora criado na região rural da cidade e que tinha medo das pessoas, mas Nabir Gonçalves de Carvalho, funcionária da Escola Estadual General Carneiro, descobriu que o Chico e a Chica tinham um filho e fez a matrícula do menino sem o próprio Antônio saber. Em suas palavras:

Quando falou para eu vim pra cá (São Roque de Minas), eu bati o pé e falei ‘Não vou!’. Bati o pé, ‘Não vou!’. E meu tio, que chamava Bilonizio da Costa Faria, conhecido como Fiinho, e depois Biló, esse tio foi meu pai, acho que meu pai verdadeiro. Ele me absorveu totalmente como filho. Ele não casou, morreu com 74 anos, a família dele foi eu. Fazia tudo para mim, tudo, tudo, tudo... financeiramente, tudo, tudo, tudo pra mim. Aí ele falou: “Você vai, você tem que ir para a escola, você não vai ficar aqui não. Você vai ficar bobo igual nós. Vai para a escola, tem que aprender a ler. E no dia que era para eu vim com ele... ele vinha a pé... mais de 12 km de distância. Aí eu corri para não vim. E ele correu

atrás. E me apanhou, me pegou, jogou eu nas costas. Eu vim chorando, batendo os pés, meu avô e avó chorando, não queria que eu viesse, os tios... tava aquela coisa... Ele me pegou, me trouxe, 12 km... Ele me carregou 8 km nas costas. Aí ele foi falando comigo e eu fui aceitando... (CHAVES, 2017, p. 135).⁵



Fonte: Caixa-arquivo 1969-1970.

FIGURA 1

Retrato 3x4 de Bilionízio da Costa Faria feita por Antônio F. Faria (abril de 1970)

Em 1966, Antônio termina o ginásio e se muda para Belo Horizonte, capital mineira, onde vive durante um ano e meio, entre 1967 e 1968. Mas, segundo ele, não obteve sucesso, decidindo, então, voltar para São Roque em junho de 1968. Assim que retorna, volta a trabalhar com pintura de letras, ou pintura letrista, fazendo placas, ofício que exercia desde os 12 anos de idade. Foi através dessa profissão, desempenhada até o ano de 2013, que ele conseguiu achar meios para comprar sua primeira câmera fotográfica.

Entre os mais de 100 mil negativos de Antônio, encontramos uma imagem que é muito simbólica, que reproduzimos a seguir. Trata-se do registro da primeira pedra colocada para sinalizar a nascente histórica⁶ do rio São Francisco, a qual fica dentro do Parque Nacional da Serra da Canastra⁷ (PNSC). Nessa foto, Antônio pinta as letras que estão na pedra: “Nascente Rio São Francisco”. Essa placa é uma entre milhares feitas por Antônio ao longo de sua vida como pintor letrista, mas, talvez,

seja a mais vista por todos aqueles que visitam a famosa nascente histórica de um dos principais rios do Brasil, também conhecido como Rio da Unidade Nacional, ou Rio da Integração Nacional, Rio Sagrado ou, simplesmente, cantado em prosa e verso, Velho Chico.



Fonte: Acervo Antônio F. Faria. Foto: Dey da Costa Faria. 1972. Tratamento de imagem a partir do negativo original: Filipe Chaves.

FIGURA 2

Dey da Costa Faria. 1972. Antônio pinta as letras na pedra onde está escrito “Nascente Rio São Francisco”, para sinalizar onde fica a nascente histórica do rio, dentro do Parque Nacional da Serra da Canastra

A responsável por fazer esse registro de Antônio foi sua então namorada, Dey da Costa Faria (1947-2002), em 1972, que mais tarde se tornaria sua mulher. Na ocasião, sua amada o acompanhava no recém-fundado Parque Nacional da Serra da Canastra. Nessa época, Antônio já acumulava três profissões: pintor letrista, fotógrafo e funcionário público⁸.

Na mesma época em que começa a trabalhar como funcionário público, no início de 1969, Antônio do Chico abre seu primeiro estúdio fotográfico, que foi ativo no período de janeiro 1969 a 30 de dezembro de 2005, “37 anos gravando os momentos da vida são-roquense”, conta orgulhosamente.



Fonte: Fotografia tirada por ele mesmo, em agosto de 1971.

FIGURA 3

Primeiro estúdio fotográfico de Antônio Francisco de Faria

Antônio era um fotógrafo versátil, fotografava muitas áreas da fotografia, mas tinha apreço mesmo era pela fotografia de reportagem, como explica:

604

Então, eu era um fotógrafo de tudo. Agora, a minha, a minha opção como fotógrafo, sempre foi e é até hoje, eu gosto da fotografia... De repórter. Eu nasci para ser um repórter fotográfico. Nunca gostei de foto-documento, nunca gostei de foto de estúdio, eu gosto de reportagem. Porque eu gosto é de ação. Meu maior triunfo é quando eu encontro uma autoridade e quando, exatamente, um pega na mão do outro e olha olho no olho, e eu cliquei a foto. Aí é meu triunfo. Nunca repeti. Outra coisa, nunca mandei repetir foto. (...) Depois vem casamento. Porque casamento também é uma reportagem (CHAVES, 2017, p. 144).

Segundo Antônio do Chico, os eventos que mais lhe deram retorno financeiramente foram os casamentos, seguidos por retrato 3x4 para documento. Ele diz que fazia mais fotos 3x4, porém, o lucro com casamento era maior e era o que possibilitava investir em novos equipamentos para o estúdio e para o laboratório fotográfico.

Antônio nos explica a razão que o levou a fechar o Stúdio Art e o que pretende fazer com todo o seu arquivo:

Nos anos 2004 a 2005, com a entrada do sistema digital, a barreira a vencer não justificava o investimento. Todo o meu equipamento (máquinas, laboratório) não servia mais. Teria que adquirir equipamentos cujo valor era muito alto e a demanda na cidade não cobria o custo; foi quando, pela primeira vez, pensei em encerrar as atividades. O meu estúdio, denominado 'Stúdio Art', foi ativo no período de 1969 a 30 de dezembro de 2005 – 37 anos gravando os momentos da vida são-roquense. Todo o equipamento do Stúdio Art (máquinas, flashes, laboratório), bem como todo o seu acervo de negativos serão doados à Casa da Cultura de São Roque de Minas, quando a mesma for instalada (CHAVES, 2017, p. 133).

Nessa carta, endereçada a este autor, em meados de 2014, Antônio expressa o seu sonho de ver fundada, em São Roque de Minas, a Casa da Cultura, mas lamenta que precisa de órgãos públicos para poder atingir esse objetivo.

Quando Boris Kossoy (2014, p. 41), como já referido, aponta para a necessidade de pensarmos a tríade sujeito (fotógrafo), técnica (equipamento) e assunto (a história do tema abordado), julgamos ter concretizado o que nos sugeria o autor a pensar sobre o fotógrafo. Outra variável diria respeito aos equipamentos e às técnicas empregadas: o tipo de câmera, o tipo de negativo, lentes, a forma de revelação, os formatos das fotografias etc. Questões que pretendemos responder no próximo tópico.

b-) A técnica

Antônio Francisco de Faria adquiriu sua primeira câmera, Flika, em 1968. Mas, desde que se tornou profissional, em 1969, sempre utilizou câmeras da linha Yashica Mat e flashes sempre da linha Frata.

Em relação ao tipo de filme que utilizava, podemos propor uma divisão do trabalho de Antônio em dois períodos: um em que ele fotografou majoritariamente com filmes P&B, entre janeiro de 1969 e dezembro de 1984; e outro em que fotografou com filmes coloridos, que se estende de janeiro de 1985 a dezembro de 2005, quando encerrou suas atividades. O principal filme fotográfico utilizado por Antônio, durante sua fase P&B, foi o filme Neopan SS Fuji Safety, da Fujifilm. Enquanto que o principal filme durante a fase colorida foi o Fujicolor Super HR 100. Raramente fotografava com filme 35 mm; o porquê ele elucida:

sempre trabalhei com 6x6, porque eu achava o 135 pequeno demais e a ampliação do 6x6 é outra qualidade. Quando você põe um 135 e faz um 50x60 (tamanho da foto), vem a granulação da foto. Tem que ter uma revelação muito especializada. A gente não tinha condições

de fazer isso, porque a gente trabalhava comercialmente. Agora já o 6x6, o 120, é um filme que aceita grandes ampliações. Então é assim ó... Eu fui macaco de fotografia do filme 120. Interessante também. Uma publicidade pra Fuji. Se eles quiserem me dar um prêmio (risos). Trabalhei os 37 anos com o filme Fuji, tanto preto e branco como colorido. E, pra Kodak, trabalhei também 37 anos com o papel Kodak (CHAVES, 2017, p. 153).

Antônio conta que durante o ano de 1985, que considera a fase de transição do P&B para o colorido, ele fotografou um tempo com filme P&B e outro com filme colorido, pois as pessoas ainda não estavam acostumadas com filme colorido. Elas diziam, segundo ele: “Mas 3x4 colorido? 3x4 é preto e branco!”. Até que, aos poucos, foram assimilando e, já no ano de 1986, havia abandonado de vez o filme P&B, passando a fotografar apenas em cores.

Fato interessante é que o equipamento de revelação em cores de Antônio foi o primeiro da região. Conta com orgulho que “pegava serviço até em Piumhi, de empresa exportadora de café”. Fazia pôsteres, ampliações de 3x4 até 50x60 (cm). Cidades vizinhas, muito maiores do que São Roque de Minas, ainda não tinham equipamento em cores, explica.

Passemos ao próximo tópico, em que se pretende descrever como Antônio do Chico arquivou todos os seus negativos em um cômodo de sua casa.

c-) O arquivo

“eu não faço nada pra mim, eu faço para ficar para os outros.” (Antônio do Chico)

No primeiro ano de atividade, em 1969, Antônio do Chico sentiu que deveria elaborar uma maneira de guardar aquela quantidade de negativos que já estavam surgindo através dos serviços que prestava, como justifica:

Eu, toda a vida, desde que comecei a entender por gente, fui uma pessoa muito organizada... E sou até hoje. (...) Eu faço um arquivo, eu sempre estou procurando melhorar aquele arquivo. Então eu sou uma pessoa em constante evolução do sistema arquivo. Só que eu não faço nada pra mim, eu faço para ficar para os outros. (...) E nem pretendo ficar aqui pra sempre, né?! [Risos]. Então, o que acontece? Terminou o mês de janeiro de 69, eu pensei: ‘Como que eu vou fazer com esses negativos? O que eu vou fazer com isso?’ Aí já comecei a arquivar. Aproveitava as caixas (caixas de papel fotográfico Kodak) que vinham com o papel. Dividia ela em três partes (CHAVES, 2017, p. 154).

Assim, desde o princípio de sua carreira, Antônio já utilizava a própria caixinha em que vinham os papéis fotográficos Kodak para arquivar os negativos.



Fotos: Filipe Chaves, 2016.

FIGURA 4

Durante a fase P&B, as caixas de papel fotográfico Kodak que foram utilizadas para arquivar os negativos eram do tamanho 18x24 cm



Foto: Antônio do Chico, 2016.

FIGURA 5

Arquivo de Antônio Francisco de Faria

Verificou-se também que, além de seus negativos terem sido arquivados em caixas-arquivo de forma sistemática, cada arquivo foi lançado em pasta-chave,

mencionando nomes em ordem alfabética e por assuntos: “Casamentos”, “Stúdio”, “Fotocópias e Reproduções”, “3x4” e “Diversos”, acondicionados em um local próprio e seguro, segundo o próprio fotógrafo.

Sobre essas categorias, Antônio Francisco Faria explica:

eu dividia por assunto. O primeiro era casamento. Como se diz, era o carro-chefe. Era o que dava mais dinheiro. Embora a fotografia 3x4 era a que mais dava dinheiro em proporção, mas o casamento dava um dinheiro reunido. É onde que você dava conta de comprar equipamento. (...) Depois vinha ‘Diversos’. O que é ‘Diversos’? É aquilo tirado na rua, reportagem. Depois vem ‘Fotocópias e Reproduções’. É onde que eu fotografava as fotos antigas, que até hoje eu tô usando no Face (Antônio tem o costume de postar fotos antigas de São Roque de Minas e seus moradores, feitas por fotógrafos anônimos, em seu perfil no Facebook). Fotografava as fotos. (...) depois das Fotocópias vem ‘Stúdio’. O que que é o Stúdio? É a foto que eu fazia no estúdio. O ‘Diversos’ é tudo que é fora do estúdio. Se eu fizesse uma foto aqui dentro da loja de foto, era estúdio. De fora, saiu fora. E depois fechava com ‘3x4’. Pensando que tudo isso aqui, está o nome certinho e em ordem alfabética (CHAVES, 2017, p. 141).

De acordo com Clara Mosciaro (2009), é importante manter uma boa qualidade do ambiente de guarda com o propósito de preservar uma coleção de fotografias. Segundo a autora, altas temperaturas e umidade, além de presença de poluentes, “são as maiores fontes de deterioração para os diversos componentes dos objetos fotográficos”. Mosciaro (2009, p. 11) afirma ainda que “a única forma de deter ou desacelerar este processo é por meio da utilização de ambientes de guardar frios ou mesmo congelados”.

O ambiente utilizado por Antônio para guardar seu acervo não é frio, no entanto, por estar em um cômodo que não recebe a luz do sol e tem uma baixa umidade em seu interior, presume-se que é um ambiente satisfatório para preservar os negativos por mais tempo, embora não seja o ideal. São Roque de Minas tem uma temperatura média de 20.6°C e 1.390 mm de pluviosidade média anual, sendo que apenas durante o verão, entre dezembro e fevereiro, chove muito e, no restante do ano, o clima é mais seco⁹. Além do mais, por ser uma cidade do interior, com apenas 7.064 habitantes, e as principais atividades econômicas serem no meio rural, não envolvendo fábricas que produzem poluentes, imagina-se que há poucos poluentes no ar¹⁰. Tudo isso contribui para uma melhor preservação dos negativos.

Devido a todos esses cuidados e características do clima e da atmosfera, os negativos de Antônio se mantiveram sem muitas deteriorações durante todo esse

tempo. É certo que alguns apresentam arranhões ou pequenos furos ou manchas, mas a maioria está em estado aceitável de preservação, uma vez que foi possível recuperar integralmente os negativos que foram fotografados para ilustrar esta pesquisa através de tratamentos básicos de imagens com software apropriado para tal.

Embora não tenha sido o foco deste trabalho, mesmo porque “o monitoramento de uma área de guarda deve ser realizado por períodos longos: um ano, pelo menos, sem interrupções” (MOSCIARO, 2009, p. 11. Apud. VALVERDE, 2000, p. 31), é de conhecimento a existência de publicações especializadas e ferramentas disponíveis que permitem visualizar a expectativa de vida de uma coleção fotográfica em face de determinado ambiente real ou ideal. Mosciaro e outros nos ensinam que “esses dados podem servir de parâmetro para a avaliação das condições atuais e para a formatação de uma situação de guarda futura, mais favorável ao acervo”. Segundo a autora, uma importante instituição envolvida nesses processos é o Image Permanence Institute¹¹, que desenvolve metodologias e ferramentas para “avaliar, comparar e planejar ambientes de guarda” (MOSCIARO, 2009, p. 11).

Finalmente, após discorrer sobre o fotógrafo e a técnica, dois dos três elementos fundamentais de todos os processos destinados à produção de uma foto, conforme Kossoy (2014), é imperativo destacar o terceiro e último componente: o tema da fotografia, o referente, ou seja, os assuntos que estão nas fotografias do arquivo de Antônio Francisco de Faria. Esse será o objeto de análise do terceiro e último tópico deste artigo.

As imagens do arquivo

Neste tópico, pretendemos trazer para a superfície fotografias do arquivo de Antônio Francisco de Faria. Como são mais de 100.000 negativos, frutos de 37 anos de profissão, seria inviável fazer apreciação de todos eles no tempo disponível para este trabalho. Em vista disso, fizemos uma seleção de negativos que achávamos pertinentes para realizar uma crônica visual do lugar e do tempo em que o fotógrafo exerceu sua profissão, produzindo fotografias de rara beleza, qualidade e valor social. Após algumas visitas à casa de Antônio e percorridos os olhares em seus negativos, compreendendo melhor o panorama de seu trabalho, foi decidido que

abrangeríamos o acervo conforme as categorias criadas pelo próprio fotógrafo: Diversos/Diversos geral, Casamentos, 3x4, Stúdio e Fotocópias e Reproduções.

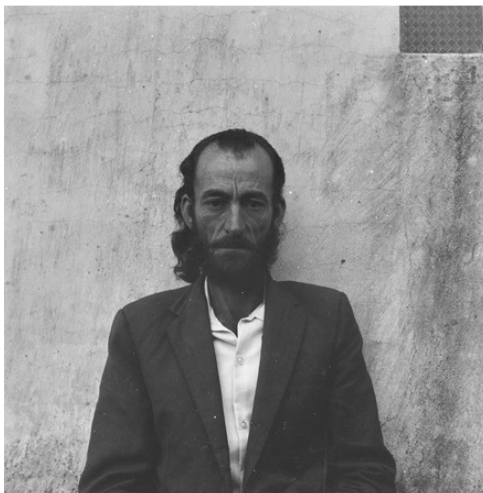
Para estabelecer a crônica visual de São Roque de Minas, selecionamos registros dos arquivos de Antônio do Chico, que acreditava determinar as características da cidade, quais seus costumes e personagens e fatos interessantes que ocorreram na região. Como dito no tópico dedicado ao fotógrafo, São Roque de Minas é uma cidade religiosa, com uma atmosfera rural, com festas populares e que tem como principais atividades econômicas a agropecuária e o turismo ecológico. Este último existindo a partir da criação do Parque Nacional da Serra da Canastra, em 1972, e intensificado nas décadas de 1990 e início dos anos 2000, quando a estrada que liga Piumhi a São Roque foi asfaltada, facilitando, assim, o acesso à cidade. Dessa forma, foi construída uma crônica visual através das imagens de Antônio do Chico, percorrendo-as pelas categorias que o próprio fotógrafo criou.

Assim, selecionamos as fotos que melhor representariam as características de São Roque de Minas, tendo em vista sua economia, cultura, fatos curiosos, enfim, o uso que as pessoas faziam da fotografia, através das lentes de Antônio.

A categoria 3x4 foi a mais realizada em relação ao volume de pedidos durante todos os anos de trabalho. Quase sempre Antônio do Chico utilizou seu estúdio para fazer os retratos 3x4, exceto algumas raras vezes, como, por exemplo, quando precisou fazer retratos ao ar livre. Um dado interessante é que Antônio sempre utilizou filmes 120 para realizar os retratos 3x4, o que resulta em uma extraordinária qualidade para a foto.

Na primeira visita que fiz aos negativos de Antônio do Chico, havia uma caixa que, no princípio, não me chamou muito a atenção, estava escrito: ARENA – 3X4 (1975-1976). Logo que lhe perguntei sobre o que se tratava, ele disse que eram alguns retratos 3x4 que havia feito sob a encomenda do partido da ARENA¹² para as eleições municipais de São Roque de Minas do ano de 1976. Abri a caixa e vi retratos comuns, como qualquer 3x4. No entanto, meses depois, quando volto ao arquivo de Antônio para fazer as reproduções das fotos que me interessavam para compor a pesquisa, visualizei mais uma vez aqueles negativos na mesa de luz e noto detalhes que não havia visto da primeira vez: o fundo das fotos 3x4 não era um estúdio fotográfico e a luz parecia ser natural. Faço novas perguntas a Antônio, e ele me conta como fez aquelas fotos. O partido político em questão o havia contratado para “rodar o meio rural”, através do transporte do próprio partido, para fazer fotos com o propósito de dar o título de eleitor para as pessoas que viviam no

campo, em contrapartida, se esperava que aquelas pessoas fotografadas votariam no partido que estava pagando pelas fotos. Antônio diz que levava apenas sua câmera fotográfica, improvisava o fundo e fazia o retrato com a luz natural mesmo. Assim que terminava o trabalho em um lugar, logo corria para outro. Antônio disse que o partido da oposição não tinha dinheiro para pagar pelas fotos, mas que ele ensinou como batia fotos 3x4 aos responsáveis por esse serviço do outro partido. Segundo ele, no entanto, as fotos saíam todas cortadas, “porque eles não aprendiam direito como fotografar”. Essa história poderia até ser banal, se não fosse pela riqueza dos retratos 3x4 feitos por Antônio em uma câmera de médio formato:



Fonte: Caixa-arquivo ARENA – 3X4 (1975-1976).

FIGURAS 6 a 9

Fotos 3x4 do arquivo de Antônio F. Faria

Apesar de terem sido feitos com um propósito que dependia de critérios políticos, esses retratos possuem uma delicadeza que nos faz ter empatia pelos fotografados e pelo ato fotográfico em si. Se apenas conhecêssemos o retrato recortado que possivelmente está no título de eleitor desses são-roquenses, certamente não nos causaria o mesmo efeito. No entanto, a lente da câmera de médio formato de Antônio capta mais da cena e nos mostra como foi preparado o fundo para obter esses retratos, assim como a elegância simples com a qual os fotografados estão vestidos.

As fotografias de casamentos, como já mencionado, foram as que possibilitaram a Antônio investir mais em seu estúdio, porque, segundo ele, era mais lucrativo, mesmo ficando meses sem realizar nenhum. É interessante observar, por exemplo, que, ao longo de 37 anos de profissão, ele fotografou apenas dois casamentos no mês de agosto, sendo que um desses era casamento civil. Isso demonstra a preocupação das pessoas com uma superstição brasileira, originada através dos colonizadores portugueses, que considera o mês de agosto como o “mês do desgosto”. No final da década de 1980, começa a realizar também casamentos de outras religiões além da católica. Ricardo Mariano possui a resposta para esta questão:

Os dados do Censo 2010 sobre religião confirmam as tendências de transformação do campo religioso brasileiro, mutação que se acelerou a partir da década de 1980, caracterizando-se, principalmente, pelo recrudescimento da queda numérica do catolicismo e pela vertiginosa expansão dos pentecostais e dos sem religião (MARIANO, 2013, p. 119).

Mesmo diminuindo a quantidade de católicos em proporção, eles sempre foram a principal clientela de Antônio, durante toda a sua vida profissional. Em relação aos casamentos, é possível verificar também que foram feitas fotografia tanto no meio rural quanto na cidade e em outras cidades vizinhas, mas principalmente na Igreja Matriz de São Roque de Minas. Conforme a renda do casal, Antônio explica que eles pediam muitas fotos ou poucas, às vezes até uma ou duas para lembrar o casamento, caso fossem paupérrimos. Caso fossem endinheirados, pediam inclusive álbuns de casamento, o que encarecia bastante os valores e possibilitava ao fotógrafo investir em seus equipamentos. Pierre e Marie-Claire Bourdieu, em *O Camponês e a Fotografia*, escrevem, em 1965, sobre a prática fotográfica no universo rural na França. Segundo eles:

As imagens fotográficas entraram cedo na sociedade camponesa, muito antes da prática de tirar fotografias (...). O seu uso tornou-se rapidamente obrigatório, especialmente em casamentos, uma vez que vieram preencher funções preexistentes à sua introdução. De fato, a fotografia surge, desde o início, como o acompanhamento necessário das grandes cerimônias da vida familiar e coletiva. (...) A fotografia de casamento só se impôs tão rapidamente porque encontrou as suas condições sociais de existência: os gastos e o desperdício são parte dos comportamentos festivos, particularmente as despesas ostentatórias que ninguém podia evitar sem ver diminuída a sua honra (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p. 32-33).

Podemos estender essa opulência também para os ritos no Brasil. Bourdieu e Bourdieu interpretam que era necessário fotografar as cerimônias como o casamento porque as pessoas almejavam celebrar e materializar a imagem que o grupo pretendia apresentar de si próprio. Por isso, segundo eles, “as fotografias são vistas e apreciadas não em si mesmas e por si mesmas, isto é, em termos de suas qualidades técnicas ou estéticas, mas como sociogramas leigos que possibilitam um registro visual e papéis sociais existentes” (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p. 31).

Na categoria Stúdio, Antônio recebia, em seu estúdio, famílias que iam junto com seus filhos, pela primeira vez, posar com suas melhores roupas na frente das câmeras para obter fotografias como forma de lembrança.

Na categoria Fotocópias e Reproduções, Antônio recebia diferentes pedidos. Desde reproduções de documentos importantes, como título de eleitor, diplomas, certificados, até pedidos para fazer cópias de convites de aniversário, casamento, formaturas. Um serviço que prestou, nessa categoria, e considera de enorme valor eram as reproduções de fotografias antigas, feitas por outros fotógrafos, que as pessoas levavam ao estúdio. Ele conta que ficava com uma cópia quando sabia que aquela imagem se referia à história de São Roque de Minas e seus personagens.

Com relação ao gosto de Antônio, como revela na entrevista sobre sua história de vida, ele conta que o que mais gostava de fazer era reportagem fotográfica. Como ele mesmo admite: “Eu nasci para ser um repórter fotográfico. Nunca gostei de foto-documento, nunca gostei de foto de estúdio, eu gosto de reportagem. Porque eu gosto é de ação”. Assim, a categoria que podemos considerar que mais o satisfazia, que incluía as reportagens fotográficas, era Diversos. Nesse conjunto de imagens, no entanto, há assuntos de múltiplos tipos, como o próprio nome diz. Desde as festas populares, como Festa de São Roque (padroeiro da cidade), realizada em agosto, a Folia de Reis, o Congado, o Carnaval, formaturas,

batizados, primeira comunhão, são-roquenses exibindo seus carros de boi ou cavalos como se fossem troféus; registros de obras realizadas pela prefeitura; acidentes que a polícia o pedia para registrar; fotografias *post-mortem* e visitas de presenciáveis e presidentes na cidade.

Finalmente, após nossas considerações finais, nas próximas páginas selecionamos algumas fotos a fim de formar uma crônica visual de São Roque de Minas e região. As fotos foram separadas pelas categorias, conforme a caracterização feita pelo próprio Antônio, e as legendas foram escritas de forma a auxiliar a localização no arquivo do fotógrafo. Não colocamos os nomes das pessoas com o intuito de preservar a imagem e a identidade dos fotografados por Antônio Francisco de Faria.

Considerações finais

Antônio Francisco de Faria prestou relevantes serviços à coletividade de São Roque de Minas, gravando, em seus saís de pratas, as memórias da cidade durante 37 anos de atividade profissional e arquivando todos os seus negativos, além de fotos de outros fotógrafos. Entendemos que esta pesquisa representa um importante passo para que Antônio do Chico siga atraindo pessoas e instituições, públicas e/ou privadas, que valorizem o seu feito e que o ajudem a realizar seu maior objetivo, o de manter preservados todos os seus negativos e, ao mesmo tempo, torná-los públicos.

Concretizada a descrição geral dos arquivos de Antônio e sabendo dos limites que essa descrição possui (tempo de pesquisa, quantidade de negativos, por exemplo), um próximo passo, talvez, seria avaliar as condições atuais de guarda para saber a expectativa de vida da coleção em face de seu ambiente real. Em seguida, buscar analisar a formatação de uma situação de guarda futura, mais favorável ao acervo, com o intuito de, assim, pensar sua posterior digitalização, bem como maneiras de tornar as fotografias de Antônio do conhecimento de todos. Compreendemos, também, a partir dos resultados apresentados por esta pesquisa, que isso seria importante tanto para os moradores de São Roque de Minas revisitarem seu passado e de seus antepassados quando assim desejarem, bem como para os visitantes que ali se hospedem e gostariam de conhecer a história da região da Serra da Canastra, tradicional região turística. Além disso, pesquisadores

de diferentes áreas do conhecimento provavelmente poderão projetar múltiplas pesquisas a partir do conhecimento de um acervo dessa magnitude. A riqueza de detalhes com a qual Antônio guardou os seus negativos torna este arquivo mais valioso ainda, de importância histórica, documental e estética, e a forma minuciosa como foi arquivado são, de fato, motivos notáveis para se respeitar a organização do acervo e manter todos os dados constantes do acondicionamento original. É o que idealizamos que aconteça para salvaguardar as memórias de São Roque de Minas.

NOTAS

1. Segundo os cálculos de Antônio, ele comprava por volta de 4 caixas de filmes 120 por ano, que vinham 100 filmes cada uma. Portanto, 12 (chapas) x 100 (filmes) x 4 (caixas) x 37 (anos) = 177.600 negativos. Porém, o fotógrafo diz que não é isso tudo. Em seu comunicado de encerramento do estúdio (documento que está na última página desse artigo), ele contabilizou 130 mil negativos.
2. A Serra da Canastra é uma região que abrange seis municípios no total: São Roque de Minas, Vargem Bonita, Delfinópolis, Sacramento, São João Batista do Glória e Capitólio. Essa região está situada em uma área de transição entre o bioma Cerrado e a Mata Atlântica.
3. A história da ocupação territorial da região da Serra da Canastra pelos grupos humanos que ali construíram suas moradas, índios (Cataguazes, que foram exterminados), negros foragidos e refugiados em quilombos, além de bandeirantes e camponeses brancos e mestiços, é marcada pelo enfrentamento através de lutas sangrentas, conforme se lê em: Barbosa (2007); Ferreira (2013); Lourenço (2002); Soares; Bizerril; Santos (2008).
4. Um alimento de subsistência histórico que se tornou, nas últimas décadas, uma importante fonte de renda para os produtores da Serra da Canastra, junto com o turismo ecológico, é o famoso Queijo Canastra (BARBOSA, 2007).
5. Optamos, na transcrição da entrevista, pela fidelidade à fala do entrevistado, mantendo, portanto, sintática e semanticamente a variante linguística falada por Antônio do Chico.
6. Descobriu-se recentemente que a nascente geográfica, ou real, do rio São Francisco está localizada no rio Samburá, no município de Medeiros, nas proximidades com o PNSC. A nascente que está inserida dentro dos limites do Parque passa a ser, portanto, a nascente histórica do rio São Francisco (FERREIRA, 2013; SOARES, BIZERRIL; SANTOS, 2008).
7. O Parque Nacional da Serra da Canastra foi decretado em 3 de abril de 1972, por meio do Decreto n. 70.355, assinado pelo presidente Emílio Médici, em pleno regime militar, onde os proprietários que possuíam terras que estavam inseridas dentro do Parque, por não possuírem voz, tiveram seus direitos violados, não recebendo valores justos. Há inclusive casos de violência na história da implantação do PARNA da Serra da Canastra que pode ser constatada com detalhes a partir da leitura de alguns autores que fizeram pesquisa de campo na região (BARBOSA, 2007, p. 1; FERREIRA, 2013, p. 91; SOARES; BIZERRIL; SANTOS, 2008, p. 53).
8. Antônio F. Faria foi funcionário público da prefeitura de São Roque de Minas durante 46 anos, 7 meses e 3 dias, como ele mesmo calcula. Ele observa que, na prefeitura, trabalhou com dez prefeitos em 12 mandatos, porque dois prefeitos ficaram em dois mandatos.

9. Dados sobre o clima de São Roque de Minas disponíveis em: <goo.gl/SOVqtg>.
10. Dados do IBGE disponíveis em: <goo.gl/IB5sBy>.
11. O Image Permanence Institute (IPI), segundo o próprio site do instituto, é um laboratório dedicado à pesquisa científica e ao desenvolvimento e à implantação de práticas sustentáveis para a preservação de imagens e bens culturais. O IPI realiza isso através de um programa equilibrado de pesquisa, educação, produtos e serviços que atendam às necessidades de indivíduos, empresas e instituições. O website da instituição possui todas as informações sobre esse assunto: <<https://www.imagepermanenceinstitute.org>>.
12. Aliança Renovadora Nacional (ARENA) foi um partido político brasileiro criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar instituído a partir do Golpe de Estado no Brasil em 1964. “Durante 13 anos (1966-1979), os dois únicos partidos que conseguiram se organizar (ARENA e MDB) disputaram as preferências do eleitorado” para alguns poucos cargos (NICOLAU, 2002, p. 55).

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Cristiano. *Territórios de vida dos pequenos produtores de queijo da Serra da Canastra: um estudo sobre a relação entre produção camponesa e espaços naturais protegidos nas nascentes do Rio São Francisco*. Uberlândia, 2007 (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia.
- BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 26, p. 31-39, 2006.
- CHAVES, Filipe Freitas. *As fotografias de Antônio Francisco de Faria: a memória subterrânea de São Roque de Minas*. Belo Horizonte, 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas, Visuais e Interartes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais.
- FERREIRA, Gustavo Henrique Cepolini. *A regularização fundiária do Parque Nacional da Serra da Canastra e a expropriação camponesa: da baioneta à ponta da caneta*. São Paulo, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- FREUND, Gisèle. *Fotografia e sociedade*. 3. ed. Trad. Pedro Miguel Frade. Lisboa: Nova Veja, 2010.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. *A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia, 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia.
- MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, 2013.
- MOSCIARO, Clara (Org.). *Diagnóstico de conservação fotográfica no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.
- NICOLAU, Jairo Marconi. *História do voto no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas anãs do sertão: o cerrado na História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROUILLE, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SOARES, C. C.; BIZERRIL, M. X.; SANTOS, J. P. (Org.). *Um lugar chamado Canastra*. Atibaia, SP: Instituto Pró-Carnívoro, 2008.

ANEXO

Fotografias de Antônio Francisco de Faria

Para saber em qual pasta-arquivo e caixa-arquivo estão os negativos fotografados do arquivo de Antônio Francisco de Faria para esta pesquisa. Já as legendas das fotos estão da seguinte maneira:



Foto nº: Nome da pasta-arquivo. Nome da caixa-arquivo. Legenda criada por Antônio, quando houver.



Foto 1: 1969-1970-1971. 02 | 00 | 02.
Chegada Canos s/ Água Const. Rede
Adutora.



Foto 2: 1969-1970-1971. 01 | 00 | 01.
Segunda Semana Ruralista - Julho 1969.



Foto 3: 1969-1970-1971. 06 | 00 | 07.
Festa de Agosto - 1969-1970.



Foto 4: 1969-1970-1971. 06 | 00 | 07.
Folia de Reis - 1969-1970.



Foto 5: Arquivo 1979. Março | 79 | Abril.
Francisco Chagas Neto - Chegada de Folia
de Reis - 21.04.1979 - Zéca. Abril 1979.



Foto 6: Arquivo 1973. Julho | 73 | Agosto.
Festa de Agosto. Agosto 1973.



Foto 7: Arquivo 1971. Janeiro | 71 |
Fevereiro. Janeiro 1971.



Foto 8: Arquivo 1973. Setembro | 73 |
Outubro. Carro de boi. Setembro 1973.



Foto 9: 1969-1970-1971. Casamento 1969.



Foto 10: Arquivo 1974. Julho | 74 | Agosto.
Família inteira. Agosto 1974.



Foto 11: Arquivo 1974. Setembro | 74 |
Outubro. Parque Nacional - Barcos Apreend.
Outubro 1974.



Foto 12: Arquivo 1982. Maio | 82 | Junho.
J. T. C - morto - acidente carro de boi. Maio
1982.



Foto 13: 1969-1970-1971. 08 e 09.
Crianças 1969 e 1970.



Foto 14: 1969-1970-1971. 08 e 09.
Crianças 1969 e 1970.



Foto 15: 1969-1970-1971. 3x4 - 1969-1970.



Foto 16: 1969-1970-1971. 3x4 - 1969-1970.



Foto 17: 1969-1970-1971. 3x4 - 1969-1970.



Foto 18: 1969-1970-1971. 3x4 - 1969-1970.



Foto 19: Arquivo 1975. Novembro I 75 I Dezembro. D. V. Morta. Dezembro 1975.



Foto 20: 1969-1970-1971. 03 I 00 I 04.
Visita Casca D'anta - Capão Forro –
Cerradão.



Foto 21: Arquivo 1977. Julho I 77 I Agosto.
Imagem S. Francisco - Nascente. Agosto
1977.



Foto 22: Arquivo 1977. Julho I 77 I Agosto.
Nascente do Rio S. Francisco. 1977.



Foto 23: 1969-1970-1971. Julho I 71 I
Agosto. Piquenique - Casca D'anta - Zeca.
Agosto 1971.



Foto 24: Negativos a cores 1969 a 1973.
Conjunto Embalo 7. Caixa-arquivo contendo
envelopes com negativos.

Filipe Freitas Chaves é Doutorando em Cinema e Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em Ciências Biológicas pela UFMG.

Como citar:

CHAVES, Filipe Freitas. Antônio do Chico: as fotografias de Antônio Francisco de Faria. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 597-622, jul./dez. 2019. Disponível em: <pem.assis.unesp.br>.